

Pessimismo político

Depois de uma viagem ao Chile e à Venezuela, seguida de uma permanência de dois dias em São Paulo, o deputado Ulysses Guimarães retornou ontem a Brasília. Chegou muito pessimista com a situação geral do País. As empresas paulistas, na sua maioria, segundo pôde constatar através de vários depoimentos, estão operando no vermelho. Recorda que antes de viajar ao exterior, encontrou-se com o presidente Collor. Lamenta que sua troca de opiniões com o Presidente da República não tenha tido continuidade política. Enfim, não produziu qualquer resultado prático e objetivo. Na Venezuela pôde constatar que o país, depois de ter enfrentado um período de grandes turbulências, acha-se em fase de plena recuperação econômica. Quanto ao Chile, está não só com uma das taxas mais baixas de inflação do continente como experimenta um período de crescimento econômico.

O senador mineiro Ronan Tito, do PMDB, interrompe a descrição de Ulysses para dizer que o Brasil, para se recuperar, precisa que os economistas tenham uma visão política dos acontecimentos, do mesmo modo que os políticos necessitam ter uma consciência da dinâmica econômica. Segundo o senador mineiro, um país não difere muito de uma empresa, que obedece na sua escrituração a duas colunas, uma do "deve", outra do "haver". Ulysses balança afirmativamente a cabeça, concordando com Ronan.

O deputado catarinense Luiz Henrique, do PMDB, é interrompido na sua caminhada por um dos corredores da Câmara pelo deputado cearense Sérgio Machado, do PSDB, o qual informa ter permanecido nos últimos dias em São Paulo, tendo recolhido ali depoimentos os mais pessimistas de diversos empresários sobre o quadro econômico nacional. Acha que deputados e senadores estão, por inércia e falta de iniciativa, perdendo oportunidade política-histórica. No seu entender, os políticos dos vários partidos deviam se reunir e levar ao Presidente da República um programa mínimo para tirar o Brasil da crise.

O senador Márcio Lacerda, que foi um dos mais ativos integrantes da esquerda do PMDB na legislatura passada, acha que quem quer que exerça a Presidência da República, seja Collor, ou Sarney, não terá nenhuma condição de realizar uma administração de sucesso. Atribui todos os males que padecemos no atual momento à falência do Estado brasileiro, que esgotou sua capacidade de gestão. Propõe uma reforma que recicle o Estado brasileiro, dando aos estados e municípios completa liberdade de gerir sua política econômica, tributária e de rendas, calcada na experiência da confederação formada pelos Estados Unidos. Segundo Márcio, nos Estados Unidos não se vê o governo central cuidando de estradas, problema afeto exclusivamente aos estados e municípios.